

Recebimento: 22/04/2021

Aceite: 30/07/2021

A INDÚSTRIA COUREIRO-CALÇADISTA E A CONFIGURAÇÃO DA ESTRUTURA URBANA DO VALE DO PARANHANA

THE LEATHER-FOOTWEAR INDUSTRY AND THE URBAN STRUCTURE CONFIGURATION OF THE VALE DO PARANHANA

Rafael Bosa¹
Geisa Tamara Bugs²

Resumo

Este trabalho aborda a expressiva presença da indústria coureiro-calçadista na região do Vale do Paranhana, inserido na Região Metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, a fim de verificar os seus reflexos na configuração da estrutura urbana. O Vale do Paranhana, em conjunto com o Vale dos Sinos, abriga um grande aglomerado para a produção e exportação de calçado, angariando o título de maior *cluster* calçadista do mundo. Contudo, desde os anos 1990, a região passa por uma reestruturação nas bases produtivas, e esse processo acarretou transformações no porte das indústrias. Caracteriza-se o processo de formação e consolidação urbano-industrial na região por meio da análise documental e de dados secundários, como o número de estabelecimentos e empregos, e do mapeamento das indústrias e suas terceirizadas. Quanto aos resultados que foram observados, podem-se citar: a expansão do tecido urbano ao longo das redes de transporte regional e o processo de terceirização que pulverizou a atividade industrial na forma de micro e pequenos estabelecimentos, provocando transformações territoriais em diferentes escalas.

Palavras-chave: Estrutura urbana. Indústria coureiro-calçadista. Vale do Paranhana. Reestruturação produtiva. Escala regional.

Abstract

This work addresses the expressive presence of the leather-footwear industry at the Vale do Paranhana region, inserted in the metropolitan region of Porto Alegre, in Rio Grande do Sul state, to verify its effects on the territory's spatial organization. Vale do Paranhana, together with Vale dos Sinos, houses a large cluster for the footwear production and export, earning the title of the world's largest footwear cluster. However, from the 1990s onwards, the region underwent a restructuring of its production bases, and this process led, among others, to changes in the industries size. We seek to characterize the urban-industrial formation and consolidation process in the region through the analysis of secondary data, such as the number of establishments and jobs, as well as the mapping of industries and their outsourced companies. As results, we can cite: the migration direct impact on

¹ Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter, Porto Alegre – RS, Brasil. E-mail: rafahbosa@gmail.com

² Doutora em Planejamento Urbano e Territorial pela UFRGS. Professora da PUC Paraná, Curitiba – PR, Brasil. E-mail: geisabugs@gmail.com

urbanization, the urban fabric expansion along the regional transport networks and the outsourcing process that pulverized industrial activity throughout the territory, therefore causing territorial transformations at different scales.

Keywords: Urban fabric. Leather-footwear industry. Vale do Paranhana. Productive restructuring. Regional scale.

Introdução

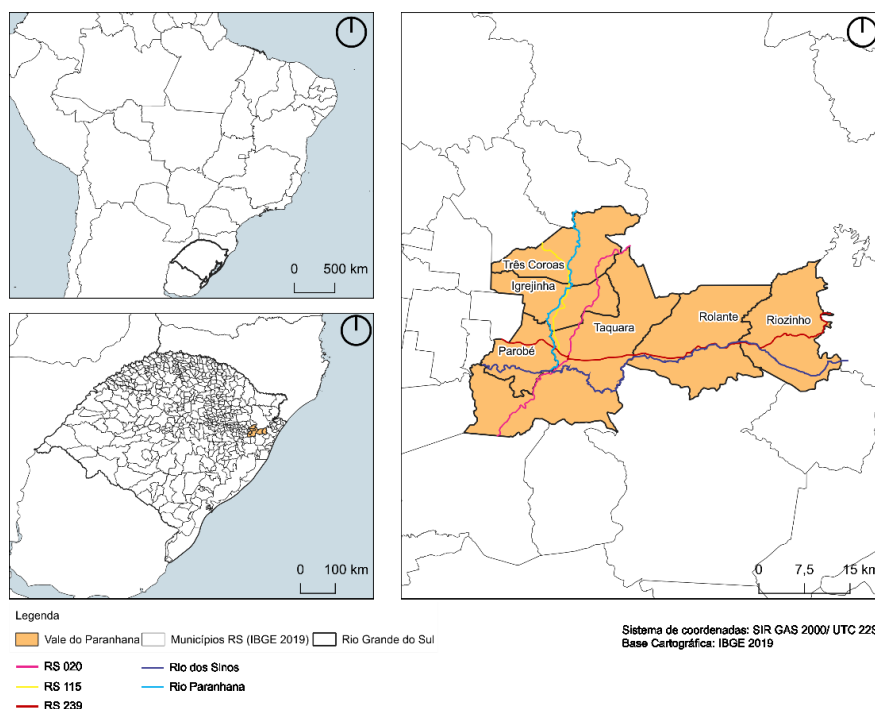
Destaca-se no processo de desenvolvimento urbano-industrial do Rio Grande do Sul – RS a produção das indústrias de calçados concentradas no Vale do Sinos e Vale do Paranhana. Inicialmente de forma mais artesanal e impulsionadas pelos imigrantes alemães, elas foram evoluindo de forma gradual, de pequenas fábricas até chegar à posição de grandes *clusters* responsáveis pela elevação do estado na participação das exportações de calçados no Brasil. O arranjo produtivo calçadista Sinos-Paranhana é um dos mais antigos aglomerados de empresas calçadistas do País. Esse aglomerado reúne estabelecimentos industriais de diferentes portes, que produzem calçados, couros, componentes e máquinas, com níveis variados de capacitação tecnológica (CALANDRO; CAMPOS, 2016, p. 20).

O desenvolvimento urbano-industrial da região foi desencadeado pelo processo histórico que envolve a imigração alemã (1846) e a formação de núcleos comerciais com a chegada da viação férrea (1903) até a industrialização com as fábricas coureiro-calçadistas (1970), quando o calçado brasileiro passou a ter expressiva importância na cena das exportações nacionais. Na década de 1990, aproximadamente 85% das exportações nacionais de calçados eram originárias do Rio Grande do Sul (GORINI; SIQUEIRA, 1999). A importância do setor coureiro-calçadista não estava ligada só ao volume de exportações na época, mas também à geração de empregos, que em 1999 girava em torno de 700 mil (GORINI; SIQUEIRA, 1999).

Contudo, com o aumento da competição internacional — sobretudo dos países exportadores asiáticos — e a valorização da moeda brasileira nos primeiros anos do Plano Real, uma crise abalou a economia local. A partir de então, a região passou por uma reestruturação nas bases produtivas, e esse processo acarretou, dentre outras coisas, transformações no porte das indústrias, puxadas pela terceirização de parte do processo de produção do calçado. O rearranjo produtivo, a partir de 1990, pode ser percebido pelo aumento dos micro e pequenos estabelecimentos. Outro efeito foi a gradativa mudança de algumas indústrias coureiro-calçadistas do Vale do Paranhana para outras regiões do país, principalmente a Região Nordeste. Atualmente, algumas destas plantas de fábricas são mantidas como centros administrativos e de desenvolvimento de tecnologia para *design* e produção de calçados. Como essas atividades não demandam tanto espaço, muitos pavilhões ficam ociosos.

Não obstante, o aglomerado de empresas do Vale do Paranhana, juntamente com as do Vale dos Sinos, acrescido de parte da região da Encosta da Serra, pode ser tomado como núcleo dessa indústria no RS, formando o Arranjo Produtivo Local (APL) Calçadista Sinos-Paranhana (CALANDRO; CAMPOS, 2016). Esse arranjo produtivo de empresas coureiro-calçadistas do Vale dos Sinos e Paranhana constitui um *cluster*, e, conforme Hansen *et al.* (2004), ainda é o maior *cluster* calçadista do mundo.

Ainda pouco estudado, o Vale do Paranhana – VP é uma microrregião do RS que dista aproximadamente 70 km da capital Porto Alegre, 80 km do litoral e 22 km da serra gaúcha. É composto pelas cidades de Igrejinha, Parobé, Riozinho, Rolante, Taquara e Três Coroas, e banhado pelos rios Paranhana e dos Sinos (Figura 1). Conta com uma área de pouco mais de 1,4 mil km² (IBGE, 2020), representando aproximadamente 13,7% da área da RMPA – Região Metropolitana de Porto Alegre. Vivem na região mais de 200 mil habitantes, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE — para o ano de 2020, respondendo a mais de 4,83% da população da RMPA. Mais de 85% da população do VP é urbana (IBGE, 2010). Parobé e Taquara são os maiores municípios (em termos populacionais), e Taquara o mais antigo.

Figura 1: Mapa de localização do Vale do Paranhana

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

Por muito tempo o VP constituiu-se numa espécie de apêndice do Vale do Sinos. Atualmente, a região tem sua autonomia consolidada pela relevância na indústria da transformação. Para além da indústria calçadista, a região tem outros atratores, como a Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT, instituição de ensino superior que gera um movimento pendular e, portanto, articula regionalmente o Vale, formando uma centralidade importante no norte da RMPA.

Segundo Campos (2019), os municípios de Taquara, Igrejinha, Parobé e Três Coroas configuram uma pequena aglomeração com integração de fluxos importante entre si, inclusive com sua área urbanizada em processo de conurbação. No caso, uma unidade econômica regionalmente caracterizada por centros densamente habitados e por hinterlândias em que o mercado de trabalho é altamente integrado aos centros, chamada *Functional Urban Area* – FUA Taquara, na qual parte dos municípios do VP estão inseridos.

A região, que passou por uma transição econômica acentuada a partir dos anos 1970, partindo de uma base agropecuária familiar para uma economia industrial, demandando mão de obra oriunda da zona rural ou de outros núcleos urbanos, sempre atraiu muitos migrantes (SEPLAN, 2015). De 1970 a 2019 verificou-se um crescimento populacional de 250%, ou seja, a população quase quadruplicou. Mesmo no período de crise (a década entre 1990 e 2000), o VP seguiu atrativo para a migração, em função da forte presença da indústria coureiro-calçadista e dos empregos dela decorrentes.

Em termos gerais, o espaço urbano pode ser definido como o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si; e estes usos definem áreas. Em razão da dimensão de suas atividades, as indústrias são grandes consumidoras de espaço. A ação espacial dos proprietários dos meios de produção, deste modo, modela a cidade, produzindo seu próprio espaço e interferindo decisivamente na localização de outros usos da terra (CORRÊA, 1995). Destarte, parte-se do princípio de que o desenvolvimento da indústria coureiro-calçadista influenciou diretamente a produção e a estruturação do espaço urbano no VP.

Dado este contexto, e tendo em vista que a estrutura urbana é resultado de processos que envolvem desde ações individuais até a implementação de grandes infraestruturas que conformam o território, objetiva-se examinar, numa trajetória evolutiva, a participação da indústria coureiro-calçadista nas cidades do Vale do Paranhana, a fim de demonstrar os seus reflexos na organização espacial do território em questão. O artigo está estruturado em três seções: Procedimentos

metodológicos; Estudos da configuração da estruturação do espaço urbano do Vale do Paranhana; e Considerações finais.

Procedimentos metodológicos

Após a revisão da literatura, realizaram-se pesquisa documental e coleta de dados secundários, tais como: taxa de crescimento populacional, taxa de urbanização, migrações, número de vagas de emprego, número de estabelecimentos e localização das indústrias. Os dados foram coletados em bases oficiais como o IBGE; a Relação Anual de Informações Sociais – RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE; a Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser – FEE-RS; e sindicatos patronais e de trabalhadores na indústria calçadista dos municípios do VP. Os mapas temáticos foram produzidos com o *software* QGIS.

Os dados foram analisados considerando-se categorias da produção do espaço urbano regional baseadas nas propostas de autores como Corrêa (1995), que elenca os agentes responsáveis produtores do espaço urbano e os processos espaciais que dão origem às respectivas formas urbanas; Deák (2016), que trata de questões como espaço, localização e preço como determinantes para a estruturação da cidade; e Rubió (1997), que trata dos critérios de crescimento urbano (demográfico, econômico e espacial). Por fim, representaram-se, por meio de esquemas, mapas e gráficos alguns dos fatores intervenientes na produção do espaço urbano em questão, conforme segue.

Estudo da configuração da estruturação do espaço urbano do Vale do Paranhana

O estudo consistiu na análise transversal dos dados de população, urbanização, migrações, expansão da mancha urbana, número de estabelecimentos da indústria coureiro-calçadista e sua distribuição espacial, bem como de terceirizados e do tamanho das indústrias.

O crescimento populacional e a expansão da urbanização do Vale do Paranhana

Os anos 1970 são um importante marco para região, pois é nesse momento que a indústria coureiro-calçadista inicia o processo de expansão e crescimento da produtividade. Nesse período, novas tecnologias e sistemas produtivos mais modernos são introduzidos nas fábricas, e assim cresce a absorção da força de trabalho, aumentando o número de postos de trabalho em cada unidade. A noção dessa dimensão pode ser percebida nas Tabelas 1 e 2. Os dados utilizados para análise são das séries históricas a partir de 1970 até 2010, procurando, quando possível, verificar estimativas atuais apontadas pelo IBGE.

A Tabela 1 apresenta a evolução da população nos municípios, no VP, na RMPA e no RS, juntos com o índice de crescimento anual. Em 1980, a população do Vale do Paranhana teve um crescimento de 27,20% comparada a 1970. No início dos anos 1990, o VP teve 67,73% de aumento de sua população em comparação com 1980, sendo o maior crescimento do período considerado. Esse crescimento foi impulsionado pela modernização e pelo aumento da produção das indústrias de calçados, o que atraía mais mão de obra (SCHNEIDER, 1996). Os anos 1990 foram de crise, conforme já mencionado. Ocorre então, a partir da década de 2000, uma redução no crescimento para 32,20%, ocasionado em parte por transformações no cenário nacional, entre elas a estabilidade monetária e a abertura comercial. Com isso o setor perdeu competitividade. O declínio passou a ser ainda mais perceptível em 2010, quando o crescimento foi de 10,58%, o que pode estar relacionado à crise mundial de 2008. Ao comparar os dados de crescimento populacional do VP com a RMPA e o RS, verifica-se que a partir da década de 1990 o crescimento populacional do VP foi o mais elevado.

Tabela 1: Evolução da população total dos municípios, VP, RMPA e RS (1970 a 2010)

Municípios, Região e UF	População				
	1970	1980	1991	2000	2010
Igrejinha	7062	12027	20514	26767	31660
Parobé	-	-	31995	44776	51502
Riozinho	-	-	3389	4071	4330
Rolante	14866	11769	13420	17851	19485
Taquara	31167	41376	42467	52825	54643
Três Coroas	6370	10470	15087	19430	23848
VP	59465	75642	126872	167720	185468
Cresc % anual VP	-	27,20%	67,73%	32,20%	10,58%
RMPA	1.799.069	2.519.004	3.281.499	3.783.096	4.032.062
Cresc % anual RMPA	-	40,02%	30,27%	15,29%	6,58%
RS	6.664.841	7.773.849	9.138.670	10.187.798	10.693.929
Cresc % anual RS	-	16,6%	17,6%	11,5%	5,0%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021), com base nos dados do Censo IBGE (1970 a 2010)

Tabela 2: Evolução das taxas de urbanização dos municípios, VP, RMPA e RS (1970 a 2010)

Municípios, regiões e UF	Taxa de urbanização (%)				
	1970	1980	1991	2000	2010
Igrejinha	42,05%	69,68%	92,60%	95,38%	95,36%
Parobé	-	-	96,17%	97,01%	94,43%
Riozinho	-	-	52,16%	62,10%	63,46%
Rolante	16,68%	46,66%	74,29%	78,02%	78,57%
Taquara	58,62%	73,33%	82,65%	81,64%	82,84%
Três Coroas	37,55%	65,54%	78,62%	87,84%	86,15%
Vale do Paranhana	43,91%	67,52%	85,49%	87,87%	87,72%
RMPA	84,37%	92,01%	94,52%	95,35%	96,93%
RS					

Fonte: Elaborado pelo autor (2021), com base nos dados do Censo IBGE (1970 a 2010)

Conforme a Tabela 2, há predominância de ocupação urbana na região. Em alguns municípios, as taxas de urbanização ficaram acima dos 90% em 1991, 2000 e 2010, como é o caso de Igrejinha e Parobé. Todos os municípios tinham em 2010 taxas de urbanização acima dos 60%. Cabe destacar Igrejinha, que em 1970 tinha 42,05% e chegou a 2010 com 95,36%, o maior índice do VP; Rolante, que passou de 16,68% para 78,57% em 2010; e Parobé, com índice de 97,01% de taxa de urbanização nos anos 2000, até então o maior do VP.

Objeto de discussão do próximo item, o processo migratório na região teve significativa participação no aumento da população e, conseqüentemente, na elevação das taxas de urbanização, já que estes migrantes se estabeleciam em sua maioria nas proximidades das indústrias, localizadas nas áreas centrais dos municípios.

O processo migratório e a expansão da mancha urbana do Vale do Paranhana

As migrações iniciadas nos anos 1970 e intensificadas nos anos 1990 são fruto da emergência econômica da região em função do desenvolvimento da indústria coureiro-calçadista (BASSAN, 2017). Logo, esses movimentos migratórios tiveram como principal motivação aspectos econômicos, de qualificação profissional e qualidade de vida. Parte do contingente de migrantes que se direcionaram para o VP saíram de áreas rurais. As áreas rurais das quais eram originários (muitos da região noroeste do estado, onde predomina a agricultura familiar) não se transformaram economicamente e, dessa forma, não ofereciam condições profissionais e salariais favoráveis aos descendentes dos agricultores, levando-os ao processo de mobilidade social em busca de alternativas em áreas urbanas (BASSAN, 2017).

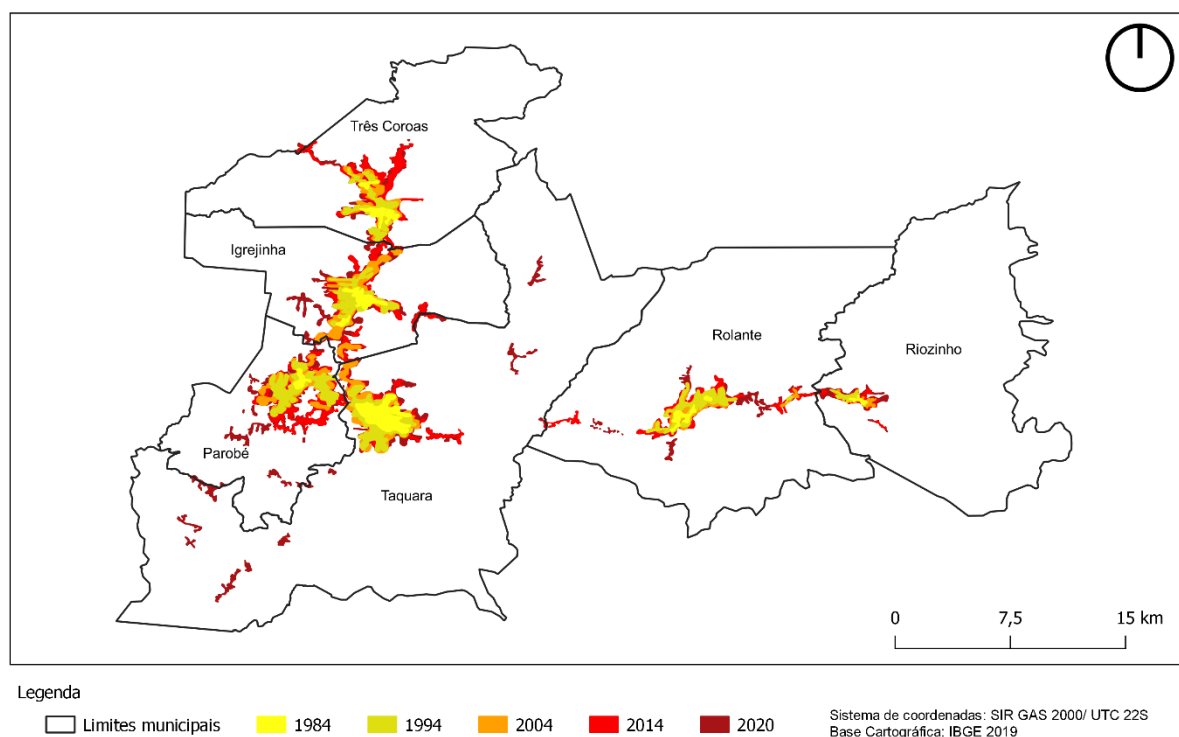
Somente nos dados do Censo do IBGE de 1991 e 2010 são encontrados os fluxos migratórios por municípios (Tabela 3). O Censo de 1991 foi o mais completo neste sentido. O de 2000 não teve dados por municípios, e, por fim, o de 2010 voltou a ter dados de migração por municípios. Em 1991, a população do VP era de 126.872 habitantes, desse total 31,7% eram de migrantes, isto é, 40.208 habitantes oriundos de fora da região, taxa cerca de duas vezes maior que a do RS. Todos os municípios do VP tinham mais de 10% da população composta de migrantes. Destaca-se o município de Parobé, onde 50,4% de sua população era de migrantes, seguido de Igrejinha, com 35,20%. Em 2010, os índices de migração diminuíram na maioria dos municípios.

Tabela 3: Número de migrantes presentes nos municípios do VP (1991 e 2010)

Município, Região e UF	1991			2010		
	Total	Migrantes	%	Total	Migrantes	%
Igrejinha	20.514	7231	35,2	31.660	6920	21,9
Parobé	31.995	16.139	50,4	51.502	11.596	22,5
Riozinho	3389	433	12,8	4330	692	16,0
Rolante	13.420	2267	16,9	19.485	3341	17,1
Taquara	42.467	9740	22,9	54.643	9991	18,3
Três Coroas	15.087	4398	29,2	23.848	5562	23,3
Vale do Paranhana	126.872	40.208	31,7	185.468	38.102	20,5
Rio Grande do Sul	9.138.670	1.372.765	15,0	10.693.929	1.587.051	14,8

Fonte: Elaborado pelo autor (2021), com base nos dados do Censo IBGE (1991 a 2010)

Outra forma de analisar a questão do crescimento urbano é o critério espacial (complementar ao demográfico). A Figura 2 mostra a evolução da mancha urbana no VP. De 1984 a 1994 percebe-se que o crescimento dos municípios de Igrejinha, Rolante e Três Coroas se expandiu para se conectar com os núcleos que orbitavam a mancha central em 1984. Já o crescimento dos municípios de Parobé, Riozinho e Taquara aconteceu de forma contínua à mancha de 1984. A partir de 2004 e 2014 novos núcleos urbanos dispersos surgiram em todas as cidades. Em Rolante e Riozinho esse crescimento acontece no sentido da RS-239. Em 2020, alguns desses novos núcleos conectaram-se com a mancha central, e outros permanecem isolados por serem antigas sedes distritais. Verifica-se, de forma geral, que a expansão acontece no sentido das partes externas às áreas iniciais das manchas urbanas dos municípios, onde alguns vazios urbanos ainda permanecem. O crescimento da mancha urbana coincide com a expansão da presença das indústrias, como mostram os dados do número de estabelecimentos na sequência.

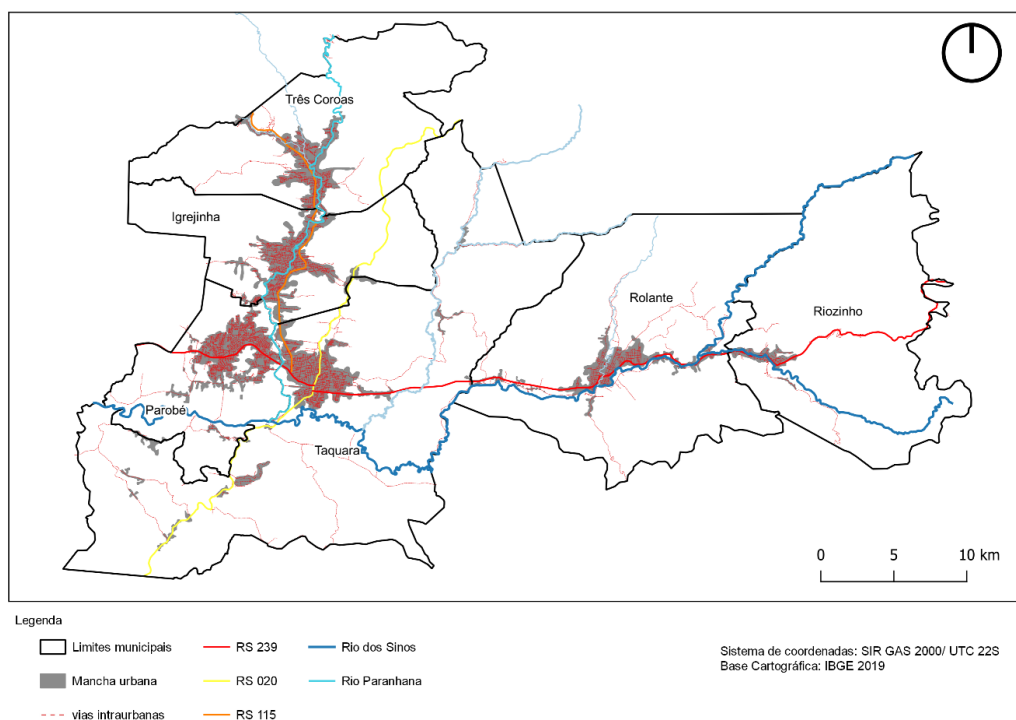
Figura 2: Sobreposição da evolução das manchas urbanas no VP (1984 a 2020)

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Verifica-se também que a extensão do crescimento da mancha urbana aconteceu acompanhando os eixos viários e limites naturais (

Figura 3). São dois eixos perpendiculares formados por rodovias, a RS-239, que corta o VP em sentido Leste-Oeste; e a RS-115, que corta em sentido Norte-Sul. Ainda, um terceiro eixo constituído pela RS-020 corta no sentido Norte-Sul a zona urbana de Taquara. Além de outros dois eixos, também perpendiculares: o rio Paranhana, que corta o Vale em sentido Norte-Sul, e o rio dos Sinos, que corta em sentido Leste-Oeste. Parte deles são conexões construídas ainda no período de formação territorial, facilitadoras do escoamento da produção industrial, e relacionados com a evolução das formas de transporte, da navegação fluvial à ferrovia, que se converteu posteriormente em rodovias.

Figura 3: Mapa da mancha urbana do VP (2020) com vias e rios



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Número de estabelecimentos e a distribuição espacial das indústrias coureiro-calçadistas

Apresentam-se a seguir dados da série histórica da RAIS, com números de estabelecimentos³ e vínculos de trabalho da indústria coureiro-calçadista do período de 1985 a 2019 de forma comparativa entre VP, RMPA e RS (Figuras 4 e 5). Ao examinar o número de indústrias coureiro-calçadistas constata-se que o aumento no número destes estabelecimentos acontece nos mesmos períodos de aumento da população, salvo algumas exceções.

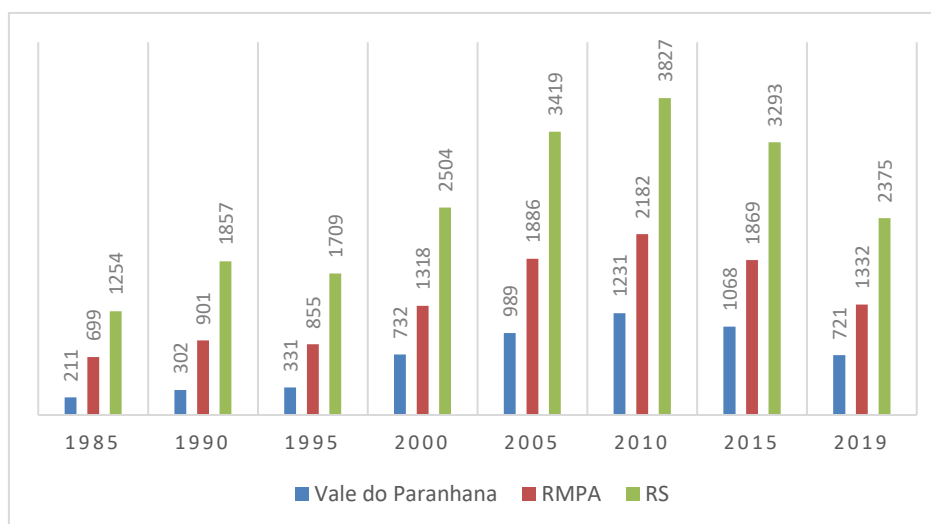
O início da série, em 1985, é o período de crescimento das exportações de calçados e, portanto, quando se dá o aumento do número de estabelecimentos (Figura 4). Entre 1985 e 2010, a quantidade de empresas no VP multiplicou quase seis vezes, chegando a 1.231 estabelecimentos em 2010, ano de maior concentração dentro do período. Esse crescimento se repete na RMPA e no RS, sendo 2010 o ano de pico. Mas, ao se analisar o período todo, de 1985 a 2019, o crescimento foi de 3,41 vezes no VP, uma vez que houve diminuição no número de estabelecimentos nos anos de 2015 e 2019, quando

³ O levantamento da RAIS é feito em nível de estabelecimento, considerando-se como tal as unidades de cada empresa separadas espacialmente, ou seja, com endereços distintos. São dados recentes e alimentados anualmente.

a multiplicação foi de somente 0,58 vezes perante 2010. Na RMPA e no RS, o crescimento é ainda menor em comparação ao VP.

O número de vínculos de emprego produzidos pela indústria coureiro-calçadista é outro dado que demonstra a importância do setor para o VP. A Figura 5 mostra que o ano de 2010 registrou o maior número de vínculos de emprego, com 32.520 pessoas, na série de 1985 a 2019. Já na RMPA e no RS, o ano de 2005 foi o mais elevado, com 65.172 e 126.784 empregados, respectivamente. No começo do período analisado (1985), existiam no VP pouco mais de 20 mil postos de trabalho; enquanto na RMPA eram 92.196 empregos e no RS 132.214 empregos. Neste período (1985 a 2019), a média de empregos manteve-se acima dos 20 mil no VP, vindo a apresentar queda nos anos de 2015 e 2019. Ao passo que a RMPA manteve acima dos 60 mil postos de trabalho até 2010 e o RS manteve média de 100 mil empregos até 2010. A partir de 2019 ocorre uma queda nos postos de trabalho em relação a todos os outros anos da série, período da terceirização que será abordado adiante.

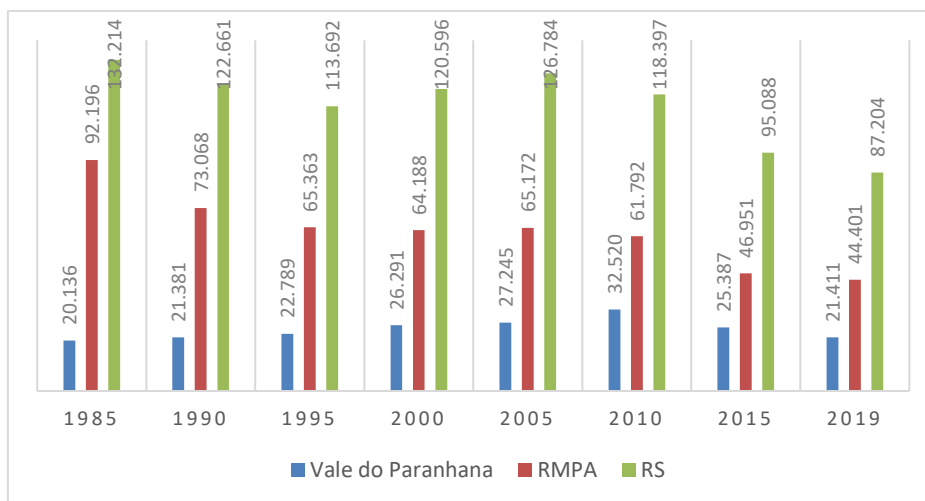
Figura 4: Evolução do número de estabelecimentos das indústrias calçadistas VP, RMPA e RS (1985 a 2019)



Fonte: Elaborado pelo autor (2021), com base nos dados da RAIS/MTE (1985 a 2019)

No início da série, o município que tinha o maior número de postos de trabalho era Taquara, seguido por Igrejinha e Três Coroas. Em Riozinho, as primeiras indústrias iniciaram suas atividades somente a partir de 1995. Em 1990, enquanto algumas cidades, como Taquara, perdiam posto de trabalho, Parobé registrava um crescimento de 201,85%. A partir de 1995, todos os municípios têm ascensão no número de postos de trabalho até o ano de 2010, o auge. Parobé aparece no topo, com 10.056 postos (19,53% da população total ocupada neste setor), seguido de Igrejinha, com 7.668 (24,22% da população total ocupada neste setor), Três Coroas, com 7.313 (30,66% da população total ocupada neste setor), Rolante, com 4.130 (21,20% da população total ocupada neste setor), Taquara, com 2.388 (4,29% da população total ocupada neste setor), e em último, mas com aumento de 48,23% em relação a 1995, Riozinho, com 965 postos (22,30% da população total ocupada neste setor). Os dois últimos anos da série, 2015 e 2019, registram quedas expressivas nos postos de trabalho em quatro municípios. De 2010 a 2019, Parobé teve uma redução de 35,54%, Igrejinha redução de 38,05%, Três Coroas redução de 38,04% e Taquara redução de 56,20% nos vínculos de emprego das indústrias calçadistas. A redução de Riozinho em números absolutos é menor que a dos outros três municípios anteriores. Porém, levando em consideração o tamanho da sua população, representa uma queda relevante de 27,80%.

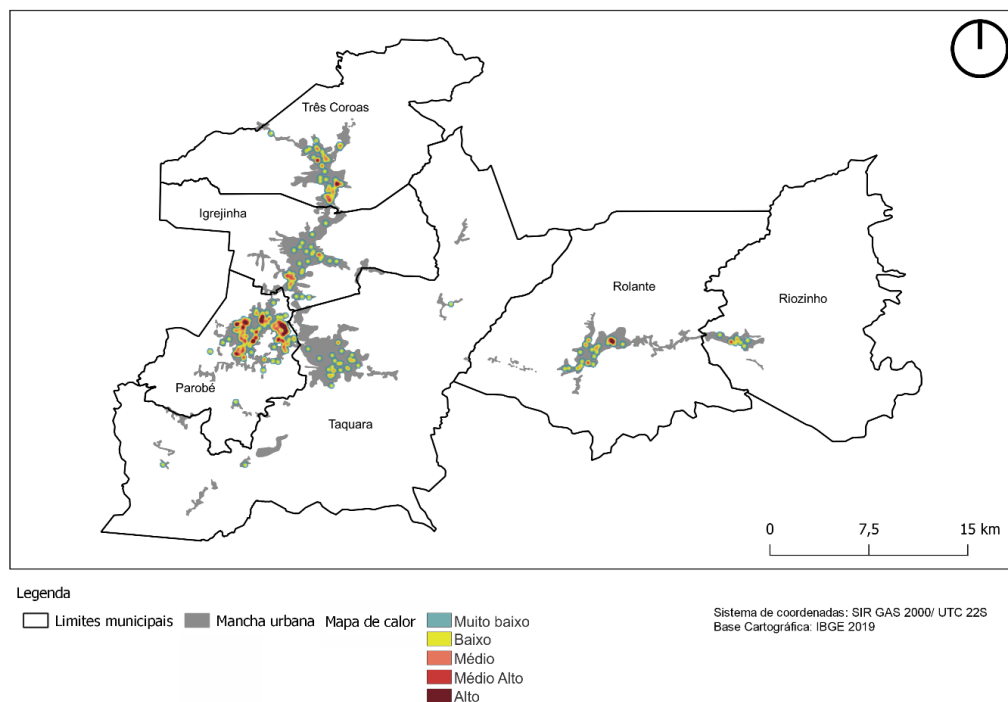
Figura 5: Evolução do nº de vínculos de emprego das indústrias calçadistas no VP, RMPA e RS (1985 a 2019)



Fonte: Elaborado pelo autor (2021), com base nos dados da RAIS/MTE (1985 a 2019)

A distribuição das indústrias coureiro-calçadistas é ampla pelo território do VP, conforme mostra a Figura 6. Os dados da distribuição foram obtidos com os sindicatos de trabalhadores na indústria calçadista e os sindicatos das indústrias de calçados do VP, e levam em consideração indústrias filiadas e em situação ativa até 2020. A saber: Igrejinha, 39 estabelecimentos; Parobé, 192 estabelecimentos; Riozinho, 10 estabelecimentos; Rolante, 35 estabelecimentos; Taquara, 28 estabelecimentos; e Três Coroas, 52 estabelecimentos.

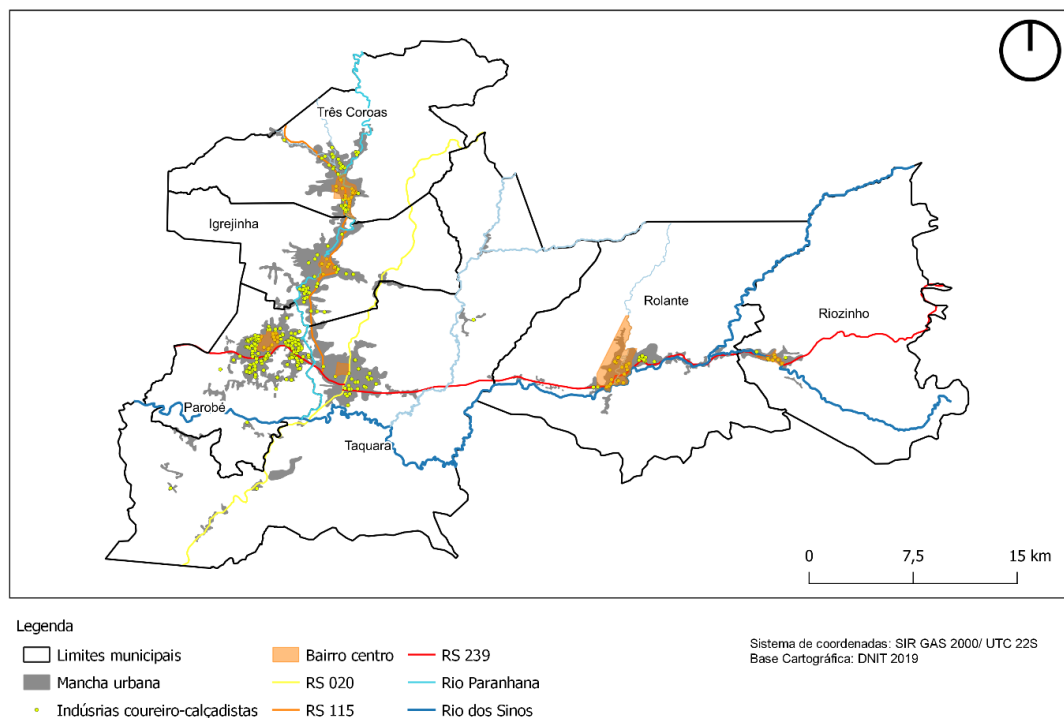
O mapa de calor (que interpola os dados) da Figura 6 usa um raio de 300 metros para representar a concentração e intensidade da presença das indústrias coureiro-calçadistas. Nota-se que o município de Parobé é onde a presença da indústria é mais marcante, seguido de Igrejinha, Rolante e Três Coroas, corroborando os dados do IBGE e RAIS/MTE. Em 1985, Taquara era um dos municípios com maior número de estabelecimentos de calçados, mas chega a 2019 com uma quantidade muito inferior perante os outros municípios. Riozinho, que em 1985 não tinha nenhuma indústria, também tem grande presença da indústria no seu território proporcionalmente a sua área urbana, a menor dos municípios do VP.

Figura 6: Distribuição dos estabelecimentos das indústrias coureiro-calçadistas no VP (1970 a 2010)

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Como em tantas outras, nas cidades do VP os bairros Centro são os principais centros históricos, comerciais e culturais e, portanto, têm forte influência sobre os demais bairros, funcionando como atratores. As rodovias estaduais são as conexões intermunicipais, e os rios delimitam as divisas em vários municípios. Adicionando-se estas camadas de informação ao mapa, percebe-se sua relação próxima com os estabelecimentos da indústria coureiro-calçadista na região (Figura 7).

Somente em Taquara não há indústrias no bairro Centro, mas duas se encontram próximas. Os demais municípios têm uma quantidade considerável de indústrias na área central: Igrejinha, 7; Parobé, 22; Riozinho, 8; Rolante, 20; e Três Coroas, 18 estabelecimentos. A área central, de acordo com Corrêa (1995), constitui-se no foco principal não apenas da cidade, mas também nas extensões afastadas das áreas urbanas. Nela concentram-se as principais atividades comerciais, de serviço, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intraurbanos. Portanto, o bairro Centro nos municípios do VP é para onde todos os tipos de fluxos convergem, e as atividades que ali se encontram são relevantes para toda a população.

Figura 7: Relação das indústrias coureiro-calçadistas com os bairros centro, vias e rios no VP

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Quanto às rodovias estaduais, todos os municípios têm indústrias próximas a elas; credita-se isso ao fácil escoamento da produção e acesso às indústrias. A proximidade com os rios acontece em alguns casos, uma vez que cortam as áreas urbanas das cidades. Em períodos antecessores eram os rios que tinham a função de escoar a produção, ainda artesanal de calçados. Por outro lado, esta proximidade pode ser maléfica, pois as indústrias geram um grande volume de resíduos, que não raro acabam dentro dos recursos hídricos. Os resíduos descartados no Rio Paranhana pela indústria em Igrejinha, Três Coroas e Parobé repercutem no Rio dos Sinos.

Os conceitos de localização e espaço derivam da prática social de produção e reprodução no contexto da divisão social do trabalho (DEÁK, 2016). Atividades industriais, sendo processos de produção e reprodução, requerem uma localização, e entre esses locais se estabelece interconexão de acordo com a interação entre aquelas atividades. Tal interconexão é a matéria constituinte do espaço e define como o espaço está estruturado. Nesse caso, pode-se considerar que a localização das indústrias no VP condiciona tanto a localização quanto o desempenho de outras atividades socioeconômicas. Em Parobé, por exemplo, a Calçados Azaleia estabeleceu no seu entorno uma série de equipamentos comunitários e empreendimentos habitacionais espalhados pela cidade. Hoje, muitos pavilhões desativados, em função da reestruturação produtiva, se configuram em vazios urbanos, espaços que modificam o cenário e a qualidade de vida da cidade.

O fenômeno da terceirização e o tamanho das indústrias na reestruturação produtiva

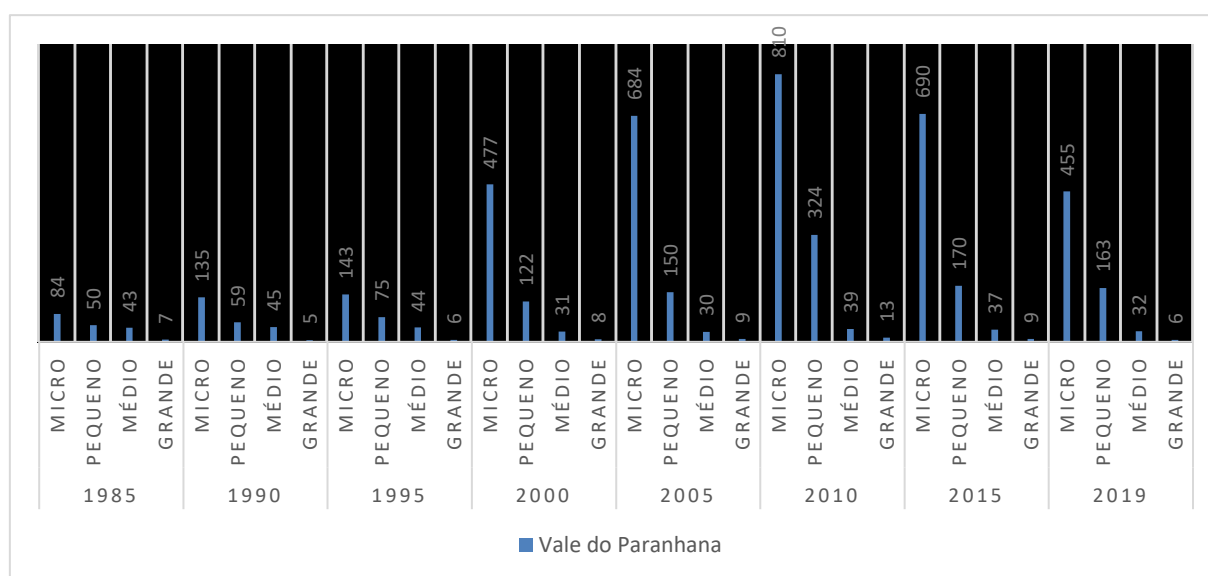
A redução da quantidade média do número de empregos por estabelecimento demonstrada acima (Figuras 4 e 5) confirma um cenário de reestruturação desde 2000. Trata-se da transformação econômica pela qual a região vem passando nas últimas décadas, decorrente, dentre outros aspectos, da intensificação do processo de globalização e de concorrência internacional. A reestruturação da forma de produção das indústrias coureiro-calçadistas ocasionou um fenômeno que teve grande reflexo na região e tornou rápida a difusão dos *ateliers* de calçados, que são estabelecimentos de micro e pequeno porte com até 99 empregados, onde o calçado pode ser produzido em partes ou por peças. Os *ateliers* são formas de terceirização da produção que contribuíram para a redução dos custos operacionais, estimularam a especialização e o aumento da produtividade, porém fragilizaram o vínculo entre contratante e contratado, já que a responsabilidade passa a ser administrada por

muitas novas empresas, sem grande compromisso de formalidade, gerando economia com encargos trabalhistas, dentre outros.

Os dados da RAIS/MTE entre 1985 e 2019 evidenciam o aumento dos micro e pequenos estabelecimentos a partir de 2000 no VP (Figura 8). A forma de classificação do tamanho dos estabelecimentos utilizada segue o padrão do IBGE, que determina: Micro — estabelecimentos com até 19 funcionários; Pequeno — de 20 a 99 funcionários; Médio — de 100 a 499 funcionários; e Grande — estabelecimentos com mais de 500 funcionários.

Alguns cenários podem ser estabelecidos. O primeiro vai de 1985 a 1995, quando a trajetória dos quatro portes analisados é praticamente estável, destacando-se os municípios de Igrejinha, Taquara e Três Coroas na variação dos números. O ano de 1995 é o de maior alta principalmente dos micro e pequenos estabelecimentos, e os estabelecimentos de médio e grande porte se mantiveram estáveis. O segundo cenário vai de 2000 a 2010, quando a trajetória passa a ser de ascensão dos quatro portes analisados em todos os municípios, com ênfase para Igrejinha, Parobé e Três Coroas. O ano de 2010 é o de maior alta, com os maiores números registrado nos micro e pequenos estabelecimentos. É também neste período que os estabelecimentos de grande porte atingem seu auge, estando presentes em todos os municípios do VP. Em Parobé e Três Coroas, dentre as quatro unidades de grande porte, havia duas com mais de 1.000 funcionários cada. O terceiro cenário vai de 2015 a 2019 e registra queda nos números de estabelecimentos dos quatro portes. A redução mais acentuada foi nos micro e pequenos estabelecimentos, que mesmo assim permanecem sendo os estabelecimentos com maior representatividade. Os estabelecimentos de grande porte tiveram seus números reduzidos em cerca de 50%, voltando ao patamar de 1995, não estando presentes em todos os municípios. Em todos os cenários os estabelecimentos de médio porte se mantiveram estáveis.

Figura 8: Evolução do número de estabelecimentos nas indústrias calçadistas por porte no VP (1985 a 2019)



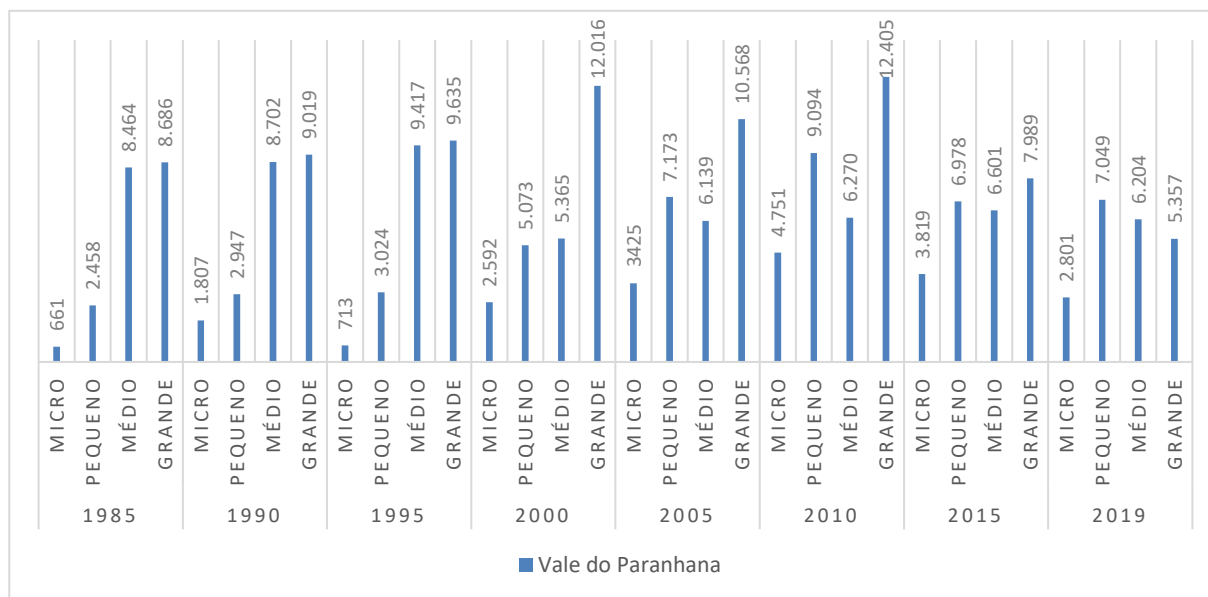
Fonte: Elaborado pelo autor (2021), com base nos dados da RAIS/MTE (1985 a 2019)

O número de vínculos de emprego por tamanho dos estabelecimentos evidencia o aumento da participação dos micro e pequenos estabelecimento na série 1985 a 2019 (Figura 9). Cabe ressaltar que esses dados levam em consideração somente o número de postos de trabalho com vínculo formal de emprego, o que pode deixar uma parcela de trabalhadores informais de fora. Trabalhadores estes que devem ser uma parcela significativa, dado o aumento da informalidade que a expansão dos *ateliers* trouxe.

Dentro do período de 1985 a 1995, os estabelecimentos de médio e grande porte eram responsáveis pela maior parte dos postos de trabalho, ambos com números acima de 8 mil, chegando a mais de 9 mil postos em 1995. A partir de 2000, a participação dos micro e pequenos estabelecimentos aumenta consideravelmente, e a soma dos dois ultrapassava os 7,6 mil postos de trabalho, enquanto os de médio porte empregavam pouco mais de 5 mil, e os de grande porte cerca

de 12 mil. Em 2010 a participação dos micro e pequenos estabelecimentos aumenta em 6 mil postos, chegando a 13,8 mil; os estabelecimentos de médio porte tinham 6,2 mil e os de grande porte, 12,4 mil. De 2015 a 2019 há um decréscimo de forma geral, chegando aos seguintes números em 2019: micro e pequenos estabelecimentos com 9,8 mil postos, médios com 6,2 mil e grandes com 5,3 mil postos. Assim, o último ano da série demonstra uma inversão no quadro de distribuição dos vínculos de emprego nas indústrias calçadistas, colocando os micro e pequenos estabelecimentos no topo dos postos de trabalho no VP. Essa constatação comprova a reestruturação produtiva iniciada a partir dos anos 2000.

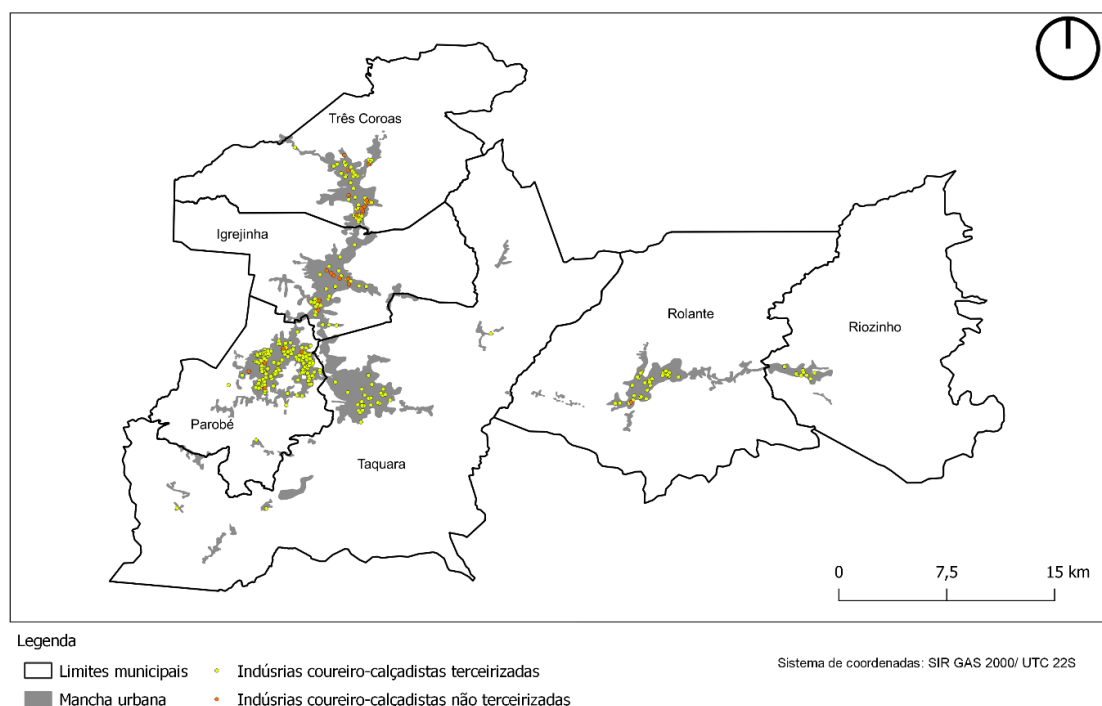
Figura 9: Evolução do número de vínculo de emprego por tamanho de estabelecimentos no VP (1985 a 2019)



Fonte: Elaborado pelo autor (2021), com base nos dados da RAIS/MTE (1985 a 2019)

A Figura 10 ilustra a distribuição das indústrias terceirizadas no VP. O mapa mostra uma concentração expressiva de indústrias terceirizadas na região. Segundo os dados coletados com os sindicatos dos trabalhadores e da indústria de calçados do VP, a distribuição é a seguinte: em Igrejinha, 31 estabelecimentos terceirizados e oito não terceirizados; em Parobé, 187 estabelecimentos terceirizados e cinco não terceirizados; em Riozinho, 10 estabelecimentos terceirizados e nenhum não terceirizado; em Rolante, 34 estabelecimentos terceirizados e um não terceirizado; em Taquara, 28 estabelecimentos terceirizados e nenhum não terceirizado; e em Três Coroas, 41 estabelecimentos terceirizados e 11 não terceirizados.

A mudança no porte das indústrias trazida pela reestruturação produtiva teve reflexos no tecido urbano regional. Se antes as grandes indústrias localizadas nas áreas centrais das cidades eram polo de atração de trabalhadores e serviços, com a nova forma de produzir, isso se dissipou em muitas partes por toda a área urbana. Mais pessoas se estabeleceram no entorno destes pontos, demandando novas infraestruturas, sendo este um dos pontos-chave para o espraiamento da ocupação urbana nas cidades do VP atualmente.

Figura 10: Estabelecimentos terceirizados e não terceirizados no VP (1970 a 2010)

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Considerações finais

Como resultado, os principais reflexos territoriais relacionados à atividade industrial coureiro-calçadista na região observados neste trabalho foram: a ocupação das regiões centrais dos municípios por parte dos grandes estabelecimentos nos primórdios; a expansão do tecido urbano ao longo das redes de transporte regional; e o processo de terceirização que pulverizou a atividade industrial na forma de micro e pequenos estabelecimentos. Ainda, pode-se afirmar que a migração atraída pela oferta de postos de trabalho na indústria coureiro-calçadista é um dos fenômenos sociais que mais contribuiu para as transformações espaciais do VP.

A partir dos anos 1970, a região passa por uma transição econômica acentuada, saindo de uma base agropecuária familiar para uma economia industrial baseada na produção coureiro-calçadista, demandando mão de obra oriunda da zona rural ou de outros núcleos urbanos. Essa transição abrangeu diversos fatores sociais, econômicos e culturais que orbitaram o processo de industrialização do setor coureiro-calçadista. Ao longo da década de 1980, esse quadro se aprofundou, resultando na atração de um grande número de migrantes trabalhadores para o polo coureiro-calçadista oriundos das regiões de modernização da agricultura do RS. A partir de 1985 ocorreu a automatização de algumas fases dentro do processo produtivo, e as indústrias de calçados foram estimuladas pela competitividade internacional a adotar outras formas de gestão da produção.

As mudanças estão associadas à tentativa, por parte das indústrias coureiro-calçadistas, de se adequarem aos novos cenários internacionais, que a esta altura estão alinhados com ideias pós-fordistas e toyotistas, que nas cidades se traduzem em rápido processo de urbanização. Com o insuflamento das indústrias coureiro-calçadistas, distritos de Taquara, como Parobé, tornaram-se municípios. Mas foi nos anos 1990 que essas transformações se intensificaram e foram mais sentidas no VP, quando teve 67,73% de aumento de sua população em comparação com 1980. As taxas de urbanização elevaram-se, saindo de 43,91% em 1970 para 85,49% em 1991. E essas taxas continuaram a crescer até 2010, de acordo com os dados da RAIS/MTE na série histórica de 1985 a 2010.

Tais transformações, alicerçadas pela reestruturação produtiva das indústrias coureiro-calçadistas fortemente ligada à terceirização e à diminuição do porte das indústrias, têm repercussão

direta na estruturação urbana da região. Enquanto o neoliberalismo foi a mudança político-econômica promovida pelo Estado para superar a crise dos anos 1970, a reestruturação produtiva foi a resposta das indústrias frente à crise do capitalismo e à derrocada do fordismo/taylorismo. Juntos, o neoliberalismo e a reestruturação produtiva conformam uma nova ideia de trabalhar e viver na região e no mundo. Assim, a produção passou a se concentrar a partir da demanda do mercado, não mais existindo a acumulação de bens e produtos industrializados. Diferentes exigências emergiram, como a máxima eficiência e a maior velocidade possível no processo de fabricação. No VP, como visto, essa reestruturação foi percebida a partir dos anos 1990, e de forma expressiva, a partir dos anos 2000.

Uma das características da reestruturação produtiva é a terceirização de parte dos processos que produzem o calçado, e a cadeia de produção de calçados adotou essa prática de modo significativo. A terceirização reduziu o número de grandes estabelecimentos produtores de calçados e aumentou os micro e pequenos estabelecimentos, sendo este o principal reflexo territorial trazido pela reestruturação produtiva. O fenômeno pode ser verificado nos vínculos de empregos, que, conforme os dados da RAIS/MTE, sofreram inversão em sua proporção. Em 1985, os grandes e médios estabelecimentos detinham a maioria dos postos de trabalho na indústrias coureiro-calçadistas no VP, o que não se sustentou até o final da série estudada, chegando a 2019 com os micro e pequenos estabelecimentos como os que mais empregavam trabalhadores.

Não se trata de uma mera substituição de máquinas por novas tecnologias, mas também de uma profunda reorganização das relações sociais e de trabalho. As grandes massas, que antes eram chamadas de peões, agora têm por parte dos proprietários das indústrias uma visão mais individualista, que altera o quadro dentro da fábrica. O termo “vestir a camisa”, muito utilizado no chão de fábrica, introduz uma forma dos trabalhadores não enxergarem a empresa como quem compra e explora seu trabalho, mas sim aquela que faz parte de suas vidas, que vai ajudar a resolver seus problemas e potencializar seus anseios individuais. Na atualidade, as indústrias que permaneceram sediadas também mantêm pouca relação com o espaço próximo, estritamente liga a distribuição de serviços e atividades administrativas. Frente a isso, os municípios da região ainda procuram se reorganizar perante o reordenamento nas forças produtivas da região e interpretar essa nova forma de organização espacial. Os reflexos da reestruturação se expandem para a produção do espaço urbano nessas cidades, com efeitos na constituição da rede de transportes, comunicações, serviços e infraestruturas. A exemplo disso, a Calçados Azaleia construiu em Parobé creche, centro de saúde e associação esportiva (quadras de esportes, centro de cultura e local para lazer).

Do ponto de vista espacial, em resumo, a configuração resultante dos processos ligados à presença da indústria coureiro-calçadista no VP analisados está expressa em uma urbanização de caráter extensivo, na qual as cidades e áreas urbanizadas carregaram em si as condições urbano-industriais de produção (e reprodução). O desenvolvimento urbano ocorre com a distribuição em grandes territórios sem qualidade no tecido urbano, apresentando alguns vazios e uma série de serviços espalhados pelo território, com baixa conectividade e densidade. Em uma perspectiva futura, levando em consideração o ano de 2020, as manchas urbanas dos municípios caminham para a conurbação, já percebida entre os municípios de Igrejinha, Parobé, Três Coroas e Taquara.

Assim sendo, a partir dos dados analisados, o trabalho apresenta uma leitura possível sobre a realidade da região e aponta que a forte presença da indústria coureiro-calçadista nas cidades do VP, ainda o seu principal atrator, determinou diretamente as transformações territoriais em diferentes escalas e em diferentes momentos.

Referências

BASSAN, Dilani Silveira. **MOBILIDADE ESPACIAL: A DINÂMICA DAS MIGRAÇÕES E A TRAJETÓRIA DOS MIGRANTES NA REGIÃO DO VALE DO PARANHANA/RS - BRASIL**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017

CALANDRO, Maria Lucrecia; CAMPOS, Silvia Horst. **APL Calçadista Sinos-Paranhana: o segmento de calçados de alto valor agregado**. 2016. Disponível em: <https://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2016/11/20161109livro-apls-apl-calaadista-sinos-paranhana_-o-segmento-de-calaados-de-alto-valor-agregado.pdf>. Acesso em: 28 out. 2019.

CAMPOS, Heleniza Avila *et al.* **POLICENTRALIDADE E REDE URBANA METROPOLITANA: LEITURAS A PARTIR DO RIO GRANDE DO SUL**. ENANPUR, Natal, 2019. Disponível em: < <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=1359> >. Acesso em: 4 fev. 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 1995. Disponível em: < <http://reverbe.net/cidades/wp-content/uploads/2011/08/Oespaco-urbano.pdf> >. Acesso em: 22 jul. 2020.

DEÁK, Csaba. **Em busca das categorias da produção do espaço**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2016.

GORINI, Ana Paula Fontenelle; SIQUEIRA, Sandra Helena Gomes de. **COMPLEXO COUREIRO-CALÇADISTA NACIONAL: UMA AVALIAÇÃO DO PROGRAMA DE APOIO DO BNDES**, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: < https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/9454/2/BS%2009%20Complexo%20coureiro-cal%C3%A7adista_P_BD.pdf >. Acesso em: 13 abr. 2020.

HANSEN, P. B. et al. **Análise do arranjo coureiro-calçadista do RS a luz do conceito de competitividade sistêmica**. Encontro Nacional de Engenharia de produção – ENGEPE, Florianópolis. 2004. Disponível em: < http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2004_enegep0706_0939.pdf >. Acessado em: 15 jun. 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **SINOPSE DO CENSO DEMOGRÁFICO 2010 BRASIL**. 2010. Disponível em: < <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8> >. Acesso em: 30 mar. 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **CONHEÇA CIDADES E ESTADOS DO BRASIL**. 2020. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/> >. Acesso em: 28 ago. 2020.

RUBIÓ, Manuel Solà-Moales i. **Las formas de crecimiento urbano**. Barcelona: Edicions UPC, 1997.

SCHNEIDER, Sérgio. **Os colonos da indústria calçadista: a expansão industrial e as transformações da agricultura familiar no Rio Grande do Sul**. 1996. Disponível em: < <https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/1846> >. Acesso em: 17 jun. 2020.

SEPLAN SECRETARIA DO PLANEJAMENTO, MOBILIDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL RS. **Perfil Socioeconômico COREDE Paranhana Encosta da Serra Porto Alegre**, 2015. Disponível em: < <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/15134135-20151117103226perfis-regionais-2015-paranhana-encosta-da-serra.pdf> >. Acesso em: 9 jul 2019.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.